



Desenho de Luz – Traquitanas

Guilherme Bonfanti¹

O que mais me inquietou no projeto *Bom Retiro, 958 metros* foi a questão “rua.” Pensar um projeto de luz para o Shopping ou para o Taib estava dentro de experiências que de certa forma já tínhamos vivido, o “site specific,” mas até então em edifícios fechados.

Poderíamos ver semelhanças no projeto para o *BR3* e no do Bom Retiro, os dois ocupam a cidade, um recorte da cidade e assim minha luz “dialoga” com a luz urbana. Sendo assim eu poderia ter adquirido algum conhecimento ao desenhar a luz para *BR3*, mas aqui no Bom Retiro o espetáculo caminha pela rua e as cenas vão se sucedendo na nossa frente. No *BR3* estávamos em um barco e víamos a cena pela janela, em alguns momentos dentro do próprio barco. Eu não tive em nenhum momento a preocupação de me utilizar da luz urbana. Ela estava ali, fazia parte daquele cenário e eu tentava dialogar com ela.

No Bom Retiro estamos todos na cena, eu não tenho onde “esconder” os equipamentos fabricados para o teatro e preciso fazer uso do que é deste lugar, assim como no Jó quando usava negatoscópios² e outras luminárias hospitalares.

Fiquei muito tempo dos ensaios observando e me negando a pensar a luz da rua como no teatro, onde refletores são posicionados no ângulo adequado para iluminar a cena. Tipos diferentes de refletores para imprimir uma textura, uma atmosfera. Mais aberta, mais difusa, mais dura...

Qual seria o diálogo possível com a luz urbana, como me apropriar dela e fazer uso para a cena; conduzindo o olhar, indicando ao público início, fim e próxima cena, dando assim a dinâmica para as mudanças, criando atmosferas e criando mais uma camada no sentido de colaborar com a resignificação do espaço?

Nos primeiros ensaios percebemos a dificuldade deste diálogo com a cidade. Atrito, confronto e negociação sempre estiveram na pauta dos ensaios e descobrimos cedo que

¹ Guilherme Bonfanti é designer da luz e integrante-fundador do Teatro da Vertigem.

² Caixa de luz aonde o médico, em seu consultório, vê uma radiografia.

teríamos muito a trabalhar para conseguirmos equacionar estas questões. Assim foi com meu projeto, olhando a cada noite ali o que eu já “tinha” de atmosfera. Qual era a atmosfera que eu tinha na rua? A luz amarelada, espaçada de poste a poste criando naturalmente um ambiente dramático. Claro/escuro, alto contraste. As ruas do Bom Retiro à noite ficam vazias, vemos homens trabalhando em buracos na rua³, o ambiente é fantasmático, solitário, existe uma tensão de estarmos em uma cidade como São Paulo e as ruas serem vazias e semiescuras. Pouco movimento no trânsito, seguranças sentados aqui e acolá, tudo isso estava dado, já era. Eu teria que entrar neste ambiente e “controlá-lo”, fazê-lo estar a serviço da encenação, me apropriar disto, transformar o uso, os sentidos.

Percebi então que as imagens estavam postas, cada espaço escolhido para as cenas eu tinha uma configuração de postes que de certa forma me ajudava muito, mas a questão é que tudo estava aceso ao mesmo tempo. Como conseguir, então, desvendar a rua aos poucos, como terminar uma cena e abrir a luz de outra? Como transformar o mesmo espaço em duas ou três atmosferas distintas?

A observação constante da rua me levou a alguns experimentos: Leds tentando criar algumas peças que poderiam dialogar com a coisificação dos personagens, deste mundo das máquinas, dos manequins, do consumo, das lojas ligadas à moda, uma moda que é um simulacro do chique, do sofisticado. Tentei a projeção iluminando portas de loja onde se davam as cenas. Comecei a pesquisar luz de obras em vias públicas. Tudo soava extremamente artificial, “teatral demais”. Precisava de uma luz que fosse minha base, não queria efeitos.

De novo eu não tinha nada, definitivamente não cabia aqui nenhuma das soluções encontradas. Fiquei sem chão e sem ter uma luz, mas é claro que a questão estava ali na minha frente, e voltei meu olhar para os postes. Definitivamente estava ali a saída.

Fiz novamente o caminho de olhar para cada um dos espaços das cenas e a possibilidade de usar os próprios postes para iluminá-las. Isso foi ficando cada dia mais concreto. Se pensava seguir com minha pesquisa, ali estava a chave e meu material de trabalho. Deixei de lado a tentação de “esconder” refletores e comecei a ver que minha saída pra manter minha coerência de pesquisa; processos de construção artesanal, experimentação, pesquisa de campo, uso de luminárias que pertençam ao espaço, diálogo com a arquitetura.

³ É comum que funcionários da Eletropaulo e/ou Sabesp trabalhem à noite, quando o movimento de pessoas e de carros é menos intenso.

Abandonei por fim o uso de refletores e passei a estudar minhas possibilidades usando a luz dos postes.⁴ Esta opção foi um caminho sem volta. Verticalizei a pesquisa e como um procedimento que venho usando há muito tempo, criei esta proposição, que naquele momento tornou-se definitiva, “a luz da rua seria dos postes”. Nada de foco, nada de seguidor nos atores que caminham pelo espaço. A luz da cena é a luz da cidade, e o teatro se apropria então de um elemento que é de uso urbano com o fim de iluminar ruas e passa a ser refletor ou luz de cena, a serviço da dramaturgia da luz.

Comecei a pesquisar possibilidades de controle desta luz.

- O que eu queria “acender” e o que eu queria “apagar”?
- Como controlar essa luz uma vez que se trata de uma lâmpada de descarga⁵?
- A cena da consumidora (personagem) que já tinha se configurado como uma luz vermelha estava na rua, como trocar a cor da luz dos postes?
- Alguns lugares eu precisava de uma luz mais fechada, uma área menor, como fazer?
- Conduzir o olhar do espectador?
- Criar focos de atenção e ajudar a melhorar a concentração?

A partir dessas questões muitas outras foram surgindo. O projeto foi se desenhando em minha cabeça e aos poucos fui resolvendo parte dessas questões. Tinha que criar um mecanismo para “controlar” a luz dos postes. Tratei de desenvolver um projeto sobre algo que foi batizado de “traquitana”.⁶

Meu percurso pela rua tinha 29 postes, e por isso tratei de mapeá-los. Meu trabalho sempre foi contaminado pelo espaço e minha presença nele. Fico por muito tempo olhando a cena e o espaço, pensando nas possibilidades que ele me dá, sem saber que luz vou fazer, mas num processo de assimilação da atmosfera que ele tem, a partir desta vivência e de um convívio com os ensaios vou construindo meu projeto.

Comecei a estudar o que poderia fazer com todo esse “equipamento”, os postes. Aqui a questão técnica se impõe. Penso conceitualmente o que é esta luz da rua, tento entender como ela dialoga com as outras áreas, as atmosferas que ela tem e quais eu posso acrescentar. A partir daí faço minhas escolhas para poder materializar este

⁴ Lâmpada de vapor de sódio de 400 watts.

⁵ Acesa, leva um tempo de até 3 minutos pra atingir a potência máxima e apaga secamente.

⁶ Um tipo de aparato, pode ser mecânico, pode ser eletroeletrônico, aqui no nosso caso absolutamente mecânico, que dispõe de um mecanismo qualquer para ser manualmente operado - uma espécie de invenção que nos possibilita resolver uma situação técnica.

conceito e transformá-lo num projeto de instalação dos equipamentos. Aqui, no caso, eles já estavam instalados e, portanto, cabia a mim projetar o manuseio disto.⁷

Minha primeira ideia foi controlar a luz de parte destes 29 postes com um sistema que interrompesse a energia para o poste, de modo que ele se apagasse, um ON/OFF.⁸ Eu busquei criar um sistema de fechar e abrir esta luz. Para isso desenvolvi um aparato que fizesse mecanicamente o papel de um dimmer.⁹ Em alguns casos eu usaria um filtro de cor para mudar a atmosfera da rua.

Construímos um protótipo e passamos a testá-lo nos ensaios. Uma vez aprovado começamos o processo de confeccionar vários e instalá-los nas ruas. Esta operação contou com a colaboração do ILUME, órgão responsável pela iluminação pública de São Paulo nos fornecendo o caminhão para chegarmos aos postes e seu pessoal técnico.

Vencida essa etapa, passamos a construir o que seria o uso destes equipamentos agora definitivamente incorporados à cena. Daqui pra frente não consigo escrever sobre o que aconteceu, penso que deve ser vivenciado.

São Paulo, 03 de outubro de 2012.

⁷ O exercício aqui é contrário ao habitual. Normalmente vemos ensaios, entendemos o cenário e a geografia da cena para daí escolhermos os equipamentos e desenhar onde vai cada um. Aqui eu já tinha uma distribuição de meus equipamentos, os postes, e tinha então que fazer com que eles “coubessem” na cena.

⁸ Trata-se de um interruptor como o que temos em nossas casas para acender e apagar um abajur, por exemplo.

⁹ Timer é um tipo de equipamento que possibilita fazer uma graduação de luz indo do 0% ao 100% de luz. Em alguns aparelhos chamamos isso de gate, algo de metal que a partir de um sinal eletrônico veda a passagem de luz pela lente do refletor.